

Do *praiar* ao *jobar*: integrações conceptuais na criação de verbos no português brasileiro

From Praiar to Jobar: Conceptual Integrations in the Creation of Verbs in Brazilian Portuguese

Paulo Ricardo Sousa Ferreira
Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
paulorferreira@ufmg.br
paulorferreira820@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0362-1844>

Resumo: Este estudo explora aspectos linguístico-cognitivos na emergência de neologismos verbais – novas construções lexicais expressas como verbo para denotar ações. Nossa objeto de estudo inclui os neologismos de atividades de lazer *bebemorar*, *canastrar*, *noronhar*, *praiar*, *resenhar*, *rolezar*, *turistar*, *brifar* e de atividades profissionais *jobar*, *performar*, *schedulear*, *teletrabalhar* e *tradar*. Nossa hipótese é que a criação dessas palavras reflete a necessidade de mesclar conhecimentos enciclopédicos em uma única construção lexical, que expressa determinado conceito de ação composto por um conjunto de atividades relacionadas ao *frame* semântico de um conceito de objeto, organizadas pela mesclagem conceptual. A pesquisa fundamenta-se na Gramática de Construções (Croft, 2022; Hoffmann, 2022a) e nos conceitos de *Frame* Semântico (Fillmore, 2006) e Mesclagem Conceptual (Fauconnier, Turner, 2006). Os dados foram coletados de perfis públicos das redes sociais Instagram, Twitter/X, TikTok e Youtube e confirmados como neologismos por ausência significativa em nossos *corpora* lexicográficos de corte. A análise revela a tendência de se combinar diferentes conhecimentos de mundo para criar um conceito de ação por meio da mesclagem de pelo menos dois domínios distintos, contidos em um *frame* semântico comum de um conceito de objeto. O neologismo *praiar*, por exemplo, mescla em uma construção vários grupos de atividades captadas no *frame* de Lazer, diretamente envolvidos no objeto locativo *praia*: atividades de descanso (tomar sol, ler), aquáticas (nadar, mergulhar),



físicas (caminhar, praticar esportes), sociais (paquerar, frequentar bares), entre outras. Essas atividades são evocadas cognitivamente por meio de conhecimentos socioculturais e individuais.

Palavras-chave: linguística cognitiva; gramática de construções; mesclagem conceptual; neologismo.

Abstract: This study explores linguistic-cognitive aspects in the emergence of verbal neologisms – novel lexical constructions expressed as verbs to denote actions. Our subject includes neologisms related to leisure activities such as *bebemorar*, *canastrar*, *noronhar*, *praiar*, *resenhar*, *rolezar*, *turistar*, *brifar*, and professional activities such as *jobar*, *performar*, *schedular*, *teletrabalhar*, and *tradar*. Our hypothesis is that the creation of these words reflects the need to blend encyclopedic knowledge into a single lexical construction, which expresses a specific action concept composed of a set of activities related to the semantic frame of an object concept, organized through conceptual blending. The research is based on Construction Grammar (Croft, 2022; Hoffmann, 2022a) and the concepts of Frame Semantics (Fillmore, 2006) and Conceptual Blending (Fauconnier & Turner, 2006). The data were collected from public profiles on social networks such as Instagram, Twitter/X, TikTok, and YouTube, and confirmed as neologisms due to their significant absence in our reference lexicographical corpora. The analysis reveals a tendency to combine different world knowledge to create an action concept by blending at least two distinct domains contained within a common semantic frame of an object concept. The neologism *praiar*, for example, blends several groups of activities captured in the Leisure frame, directly involved in the locative object *beach*: rest activities (sunbathing, reading), aquatic activities (swimming, diving), physical activities (walking, playing sports), social activities (flirting, visiting bars), among others. These activities are cognitively evoked through sociocultural and individual knowledge.

Keywords: cognitive linguistics; construction grammar; conceptual blending; neologism.

1 Introdução

Há na linguagem uma intrínseca possibilidade de se cunhar palavras inéditas por meio de mecanismos variados para atender às necessidades comunicativas; tais unidades linguísticas marcadas em seu uso pela sensação de novidade social, são chamadas de *Neologismos* (Boulanger, 1979). Ferraz e Liska (2021) explicam que a neologia – o processo criativo dos neologismos – realiza-se espontaneamente quando um falante usa uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma forma lexical da língua ou um estrangeirismo, importado de outra língua. Outros autores reconhecidos sobre o tema, a exemplo de Alves (1994) e Biderman (1978), ressaltam a recência e a novidade como principal característica dessa unidade linguística criativa.

Em acordo com Hoffmann (2022b), compreendemos que nossa capacidade de criar novas palavras é apenas uma faceta de como a criatividade e a produtividade manifestam-se na linguagem, respaldadas por aspectos cognitivos de domínio geral, como metáfora conceitual, mesclagem conceptual, protótipo e categorização. Este estudo busca explicar aspectos linguístico-cognitivos na emergência de neologismos verbais – construções lexicais novitivas da língua expressas como verbo para denotar ações (Ferreira, Amaral, 2024). Especificamente, nosso objeto de estudo é composto dos neologismos de atividades de lazer *bebemorar, canastrar, noronhar, praiar, resenhar, rolezar, turistare* e de atividades profissionais *jobar, performar, sche-dular, teletrabalhar e tradar* (vide Quadro 1). Analisaremos esses dados a partir da Gramática de Construções, conforme o entendimento de Hoffmann (2022a) e Croft (2022), além dos conceitos de *Frame Semântico* (Fillmore, 2006) e Mesclagem Conceptual (Fauconnier, Turner, 2006).

Nossa hipótese é a de que por trás do processo criativo analisado existe a necessidade de mesclar conhecimentos enciclopédicos em uma única construção lexical, capaz de expressar determinado conceito de ação composta por um conjunto de atividades. Essas atividades estão relacionadas ao *frame* semântico de um conceito de objeto, sendo organizadas pela mesclagem conceptual e a ação resulta desse processo. Por exemplo, *praiar* expressa uma ação complexa formada por um grupo de atividades relacionadas ao objeto locativo *praia*: tomar sol, nadar no mar, praticar esportes aquáticos, comer/beber em quiosques, entre outras.

A relevância desta pesquisa reside na compreensão de aspectos imprescindíveis à criação de novos verbos da língua portuguesa, sendo: i) a integração cognitiva de atividades organizada pelo processo de mesclagem conceptual; ii) a necessidade de se expressar uma ação por meio de uma única construção lexical/palavra, não presente no léxico.

A coleta de dados foi realizada nas redes sociais Instagram, Twitter/X, TikTok e Youtube, partindo de publicações realizadas em perfis públicos; os dados completos encontram-se no Quadro 1, da seção 3. Para se averiguar o *status* neológico das palavras coletadas, verificou-se cada uma em *corpora* lexicográfico de corte, formado pelos dicionários Houaiss Online (2024),¹ Aulete Digital (2024)² e Priberam (2024),³ além do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP (Academia Brasileira de Letras, 2022).⁴ Foram consideradas neo-

¹ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaisson/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#0

² Disponível em: <https://aulete.com.br/>

³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>

⁴ Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.

logismos todas as palavras que não constaram no Volp e não apresentaram entrada em pelo menos dois dos três dicionários; no caso, todos os exemplares mostraram-se neológicos. Em seguida à coleta e à confirmação notativa, os neologismos foram categorizados e analisados conforme os preceitos teóricos escolhidos.

Além desta seção introdutória, o presente trabalho é dividido da seguinte maneira: seção dois, que apresenta o referencial teórico para nossa análise, por meio do modelo da gramática de construções e da teoria de integração conceptual; seção três, que apresenta nossos dados, viabiliza nossas propostas de representação/explicação destes e aborda os resultados de análise; e seção quatro, que reúne considerações pertinentes à pesquisa realizada sobre o fenômeno neológico em construções verbais.

2 Referencial teórico

2.1 Abordagem construcional de neologismos

Segundo Hoffmann (2022a), a Gramática de Construções compreende um modelo de representação de conhecimento linguístico cuja unidade básica de análise são os pareamentos de forma e significado chamados de construção. As construções abarcariam os vários níveis taxonômicos de descrição gramatical: de padrões sintáticos abstratos e abertos, como a construção transitiva SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), até unidades fixas e substantivas, como *prato*, *escreveu* e *azul*. Nesse sentido, seriam consideradas construções quaisquer unidades morfológicas, palavras, sintagmas, orações, expressões idiomáticas e estruturas discursivas presentes no conhecimento linguístico do falante (Croft, 2022; Gonçalves, 2016b; Souza, 2010). Tal flexibilidade teórica nos possibilita analisar uma ampla gama de objetos, incluindo-se aqui as construções no nível da palavra, que dizem respeito ao tipo de dado que trazemos em discussão neste estudo.

Pode-se dizer que a construção é uma unidade linguística, capaz de parear uma forma – constituída por informações morfossintáticas e fonológicas – a um significado – informações semânticas, pragmáticas, discursivas (Croft, 2022). Essas unidades são armazenadas na memória de longo prazo, no dito léxico mental de um falante, para serem combinadas em função da comunicação. As construções armazenadas no léxico não estão isoladas, como em uma lista, mas relacionadas em uma complexa rede motivada e sustentada por vários processos mentais de domínio geral, como metáfora, metonímia, categorização e mesclagem conceptual (Hoffmann, 2022a). Desta forma, a linguagem humana só se estabelece a partir de processos de conceptualização que sustentam a mente na aquisição e desenvolvimento de diversas outras capacidades cognitivas além da comunicação verbal. O inventário total de construções na mente do falante compõe seu *constructicon*, que é, grosso modo, o “léxico das construções”, incluindo, além das palavras, os morfemas, sintagmas, padrões sintáticos, enunciados semiabertos (e.g. *Quanto mais X, mais Y*), idiomatismos e expressões lexicalizadas (Furtado da Cunha, Cezario, 2023). No nível do discurso, as construções que armazenamos em nosso *constructicon* são combinadas para compor construtos em nossa memória de trabalho (ou memória *online*) que atua no momento da comunicação. Logo, ao se criar um neologismo

como *sexto*, o falante precisa acessar suas construções *sexta(-feira)* e *X-ou* para combiná-las no construto que será a nova palavra (e ao construto do enunciado, em seguida).⁵

Conforme a nova palavra vai sendo usada, ela se acomoda na mente do falante, em um processo chamado entrincheiramento, e se torna ela também uma construção do *constructicon*, passando a ser matéria-prima para novos construtos (Hoffmann, 2022a). Dessa forma, podemos compreender que a aquisição de novas construções é baseada no uso da linguagem, ou seja, quanto mais se usa determinada construção, mais entrincheirada ela se torna e mais propensa esta fica a servir como esquema para a origem de outras construções.

A Gramática de Construções oferece ferramentas para se explicar tanto a produtividade quanto a criatividade linguística, em níveis diversos. No nível lexical, por exemplo, uma construção *X-vel* do português seria um caso de produtividade, com generalizações que cobrem tanto palavras já dicionarizadas como *considerável*, *indefensável*, quanto o neologismo *instagramável* (“ambiente adequado para se tirar fotos para redes sociais da internet”). Já um caso de criatividade teria exemplo em um de nossos dados, o neologismo *bebemorar*; não é difícil deduzir que as construções *beber* e *comemorar* estão presentes na produção deste *blend* lexical, mas não há esquematicidade como na construção *X-vel* – a amálgama que ocorre entre as palavras do *blend* segue no máximo padrões fonológicos e fonotáticos da língua, sem sistematicidade morfológica.⁶

Para Croft (2022), a construção é concebida como um pareamento simbólico entre forma e função, no qual o papel da forma é servir como estratégia para expressarmos determinada função comunicativa no uso da língua. Nesse sentido, todas as realizações morfossintáticas e fonológicas manifestadas em construções seriam motivadas pelo empacotamento de determinado conteúdo informativo (ou semântico) para cumprir fins discursivos do enunciado. Em outras palavras, a forma estaria para o “como” nos comunicamos, enquanto a função estaria para “o que” comunicamos em nossas interações verbais.

Croft (2022) postula que elementos formais como classe de palavras (ou classes morfossintáticas) devem se basear no uso construcional e distribucional em uma determinada língua. Por exemplo, a classificação de verbo geralmente é colocada como palavra que expressa ação, estado ou fenômeno da natureza – uma definição para uma categoria formal realizada a partir de critérios semânticos. Na compreensão de Croft (2022), os critérios para a definição de uma categoria formal são construídos com critérios formais, específicos da língua em que se quer observar essa categoria. Seguindo esse raciocínio, um verbo, na língua portuguesa especificamente, deveria ser definido a partir de ocorrências em construções com as seguintes características morfossintáticas: a) ser o núcleo da construção oracional;⁷ b) flexionar em

⁵ De acordo com Ferreira e Amaral (2024), o neologismo *sextar* denota a realização de atividades típicas de sexta-feira: descansar ao chegar em casa, celebrar a chegada do fim de semana, ir beber com os amigos depois do trabalho, entre outras.

⁶ Gonçalves (2016a) define o *blend* lexical (ou cruzamento vocabular) como uma criação lexical composta por constituintes que são na verdade fragmentos de palavras, que podem não ser morfemas: por exemplo, *lix[o] + [lit]eratura* e *aborrente* (*aborre[ce] + [adoles]cente*). Segundo Hoffmann (2022a), a formação de palavras por *blend* obedece à fonotática da língua, como um processo morfológico prosódico.

⁷ Croft (2022) postula o núcleo de uma oração como um dos dois elementos principais de uma construção oracional. Segundo o autor: “[...] a clause construction consists of two types of elements: the head and arguments of different kinds. The head in the prototypical case, the verbal clause, is the verb, which denotes an action concept. More generally, the head of a clause may be any kind of event – state as well as actions – when it is predicated. [...] The predicate may be simple, consisting of one word, or complex, consisting of multiple words, some

tempo, aspecto e modo; c) flexionar em pessoa e número. Assim, de modo esquemático, podemos dizer que um verbo do português seria uma construção com polo formal definido pelo cumprimento desses papéis supracitados e com polo funcional prototípicamente usado para expressar um conceito de ação com função de predicação.

Aqui é onde entra o nosso objeto de estudo, considerando que os neologismos verbais nada mais são do que novas construções sobre ações que encontram expressão por meio do uso da construção esquemática *X-ar* (em seu paradigma amplo de flexões), prototípicamente usada em construções verbais. Tomamos ação aqui como uma das principais classes semânticas apontadas por Croft (2022), isto é, uma entidade conceptual caracterizada por: a) ser dinâmica, envolvendo mudanças; b) ser relacional, por depender de outras entidades conceptuais; c) ser transitória, geralmente com início e fim. Outras duas classes semânticas principais trazidas pelo autor são o conceito de objeto – entidade conceptual de natureza estática e não relacional – e de propriedade – entidade conceptual relacional (a um objeto, geralmente) e estática. Croft (2022) discorre que verbos prototípicos denotam ações, assim como substantivos denotam objetos (abstratos ou concretos) e adjetivos denotam propriedades, mas há várias possibilidades não prototípicas.

A ação é uma entidade conceptual de natureza cognitiva que pode ser descrita em sua realização em termos de *frame* semântico. Fillmore (2006) define o *frame* como um sistema de categorias formado por um determinado conceito e por uma rede de conceitos relacionados a este, indispensáveis para sua compreensão. Em uma interpretação mais direta da própria terminologia, olhar para uma palavra é olhar para um quadro, em que, para compreender o que ela significa, faz-se necessário perceber o que é central no quadro e tudo que o contrasta/ envolve dentro de sua *moldura*. De um modo mais simples: o significado não é pontual, é regional. Cavalcante e Souza (2010) explicam que essa moldura semântica é um tipo de esquematização de experiência estruturada conceptualmente na memória de longo prazo, configurado pelos elementos de cenas, situações ou eventos empíricos, vivenciados e constituídos culturalmente.

Reproduzindo um clássico exemplo de Fillmore (2006) para *frame* semântico, podemos mencionar o Evento Comercial: um sistema de categorias que relaciona conceitos como *vender*, *comprar*, *vendedor*, *comprador*, *dinheiro*, *mercadoria*, *transação*, e os mais diversos conhecimentos enciclopédicos que fazem parte de uma mesma cena cognitiva, construída de modo social, histórico e cultural. É como se o Evento Comercial fosse um único quadro, em que é impossível evocar o significado de qualquer uma das palavras acima sem estabelecer relações com as outras e, consequente e cognitivamente, evocar seus significados. Fillmore (2006) diz:

A semântica de frames oferece uma forma particular de olhar os significados das palavras, assim como uma forma de caracterizar princípios para a criação de novas palavras e sintagmas, para adicionar novos significados a palavras e para montar os significados dos elementos em um texto para o significado total do texto (p. 373, tradução nossa).

of which express semantic categories associated with predication, others of which express components of the action that is predicated" (p. 385).

Desta forma, a semântica de *frames* mostra-se como uma abordagem profícua para investigar, descrever e explicar possíveis movimentos conceptuais que envolvem o fenômeno neológico dos verbos que trazemos neste estudo.

Em suma, consideramos os neologismos verbais como novas construções verbais – pareamentos de forma e função – cuja função pode ser compreendida por meio da explicação de seu *frame*, sua moldura de relações semânticas e conceptuais. Como construções com *status* de novidade, os neologismos emergem criativamente em razão de suprir necessidades discursivas. Hoffmann (2019, 2022a) diz que a mesclagem conceptual, como um processo cognitivo primário e de domínio geral, poderia ser o motor fundamental de nossa criatividade, inclusive na linguagem, por meio da combinação entre construções para se formar construtos. Consideramos que com os neologismos não seria diferente, portanto, abordaremos na próxima seção uma breve introdução à mesclagem conceptual.

2.2 Mesclagem conceptual na abordagem de neologismos

Fauconnier e Turner (2006) trazem a mesclagem conceptual como o principal processo por trás de nossas redes de integração conceptual. De acordo com os autores, nossa mente é permeada por uma enorme rede de domínios conceptuais (ou *frames*) que se relacionam de modo sistemático e a capacidade de combinar esses domínios para originar novos domínios sustenta nossa capacidade criativa em todos os aspectos: desde a junção de um galho a uma pedra para criar uma ferramenta concreta até a criação de um ser mitológico como o centauro, formado pela mescla imaginada entre um homem e um cavalo. A criatividade linguística, em muitos níveis e aspectos, também é perpassada por esse mesmo processo cognitivo, desde a combinação básica de construções para formar construtos (Hoffmann, 2022b) até a criação de palavras por *blend* lexical a partir da amálgama formal e conceptual de palavras diferentes.

Os domínios que participam de um processo de integração conceptual são recrutados pelos chamados espaços mentais. Segundo Fauconnier e Turner (2006), esses espaços são pacotes de conceitos, contenedores de elementos conceptuais parciais que se estruturam a partir de conjuntos de conhecimentos estáveis, como um domínio conceptual, um *frame* ou um modelo cognitivo.⁸ Martelotta e Palomanes (2011) explicam ainda os espaços mentais como “domínios dinâmicos estruturados internamente por domínios estáveis” (p. 187) e Azevedo (2010) pontua que os “espaços [...] vão sendo constituídos, reformulados no próprio desenrolar do discurso” (p. 90). Concede-se assim que a natureza do espaço mental é de caráter discursivo/pragmático, próprio de nossa memória de trabalho, mas a estrutura conceptual que o embasa é algo já estabelecido pessoal, social e culturalmente, evocado de nossa memória de longo prazo. A interação entre diferentes espaços mentais é o que marca a mesclagem conceptual, cujo resultado é a criação de uma estrutura emergente com significado distinto dos espaços dos quais a mescla é formada. Segundo Fauconnier e Turner (2006): “Mesclas não são previsíveis unicamente da estrutura das entradas. Em vez disso, são altamente motivadas

⁸ “Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action. Mental spaces are very partial assemblies containing elements, and structured by frames and cognitive models” (Fauconnier, Turner, 2006).

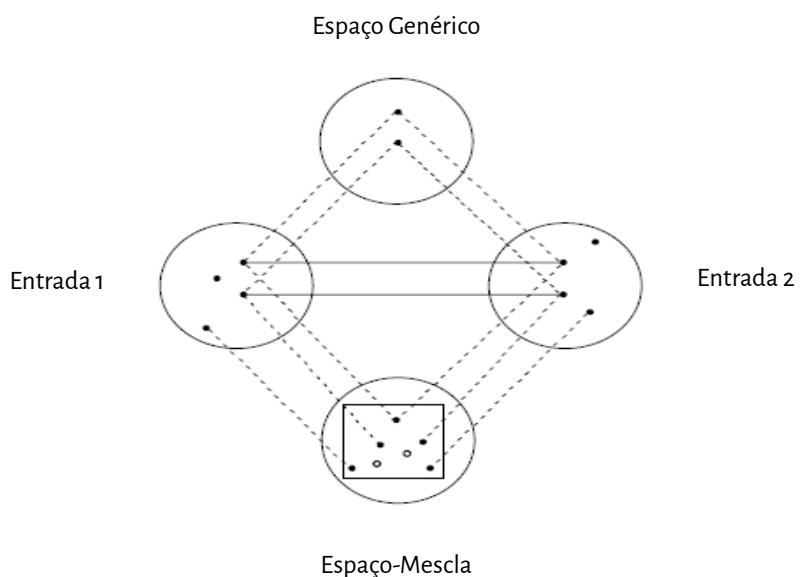
por essa estrutura, em harmonia com a estrutura de fundo e contextual independentemente disponíveis" (p. 306, tradução nossa).⁹

Por "entradas", nos referimos aos espaços de entrada, estes relacionados aos domínios conceptuais que são matéria-prima para a mesclagem ocorrer. Nos primeiros exemplos pelos quais ilustramos a integração conceptual, a ferramenta teria por espaços de entrada o *galho* (entrada 1) e a *pedra* (entrada 2), o centauro teria o *homem* (entrada 1) e o *cavalo* (entrada 2); no entanto, o espaço da mescla, motivado pelos espaços de entrada, vai muito além de uma composição *pedra + martelo* ou *homem + cavalo* em sua estrutura emergente. Características dos espaços de entrada são mapeadas entre si e cognitivamente selecionadas para compor um novo domínio no espaço-mescla. Logo, quando dizemos *centauro*, a imagem que nos vem à mente não é a de um ser com traços aleatórios das criaturas envolvidas nos espaços de entrada, mas, especificamente, a metade superior de um homem, a partir do tronco, unida ao cavalo onde seria a cabeça do animal. Assim, como explicam Azevedo (2010), Martelotta e Palomanes (2011), o processo de mesclagem não é aleatório, mas pré-organizado cognitivamente, pois há certa estabilidade na seleção de elementos dos domínios conceptuais que estruturam os espaços envolvidos, considerando também um espaço genérico, que compartilha o que as entradas têm em comum entre seus domínios.

Para sintetizar, os três tipos de espaços mentais envolvidos na mesclagem conceptual incluem: a) os espaços de entrada, estruturados pelos domínios a serem mesclados; b) o espaço genérico, cujo domínio reúne características comuns a todos os domínios de entrada; c) o espaço-mescla, que sustenta a estrutura emergente, o novo domínio.

A relação entre esses espaços é ilustrada da seguinte forma por Fauconnier e Turner (2006), na Imagem 1:

Imagen 1 – Diagrama de Mesclagem Conceptual



Fonte: Adaptado de Fauconnier e Turner (2006, p. 313)

⁹ "Blends are not predictable solely from the structure of the inputs. Rather, they are highly motivated by such structure, in harmony with independently available background and contextual structure [...]" (Fauconnier, Turner, 2006, p. 306).

No diagrama, os círculos demarcam os espaços mentais e os pontos pretos representam elementos dos domínios. Os tracejados são projeções desses elementos e as duas retas contínuas entre os espaços de entrada representam o mapeamento entre eles. Percebe-se que nem todos os elementos dos espaços de entrada são projetados no espaço-mescla, no qual o quadrado representa o *frame* da estrutura emergente. Os pontos brancos são os novos elementos resultantes da integração conceptual, específicos da estrutura emergente e não presentes nas entradas. A mescla não é o fim do trajeto das projeções, mantendo-se conectada aos espaços de entrada e permitindo que os elementos do novo domínio se projetem de volta na rede conceptual (Fauconnier, Turner, 2006).

Em síntese, a mesclagem conceptual parte do mapeamento analógico entre todos os seus espaços de entrada (no mínimo dois), estabelecido a partir de suas propriedades compartilhadas no espaço genérico, com a sequente projeção seletiva e parcial desses elementos no espaço-mescla para criação de uma estrutura emergente.

De acordo com Fauconnier e Turner (2006), essa projeção de elementos ocorre conforme três operações: composição, completamento e elaboração. Na composição, a mesclagem compõe elementos das entradas, inaugurando relações inéditas, não presentes nos domínios separados. No completamento, a mesclagem pode ativar conhecimentos não conscientes do *frame* dos espaços de entrada para completar a estrutura composta na mescla. Na elaboração, a mesclagem realiza-se a partir de uma nova lógica, própria da mescla, permitindo novos desdobramentos cognitivos decorrentes da estrutura emergente. Consideramos que a lida com nossos dados nos levará principalmente à projeção de elementos do espaço-mescla por composição.

A representação da mesclagem conceptual, ilustrada na Imagem 1, é uma abstração com função didática, não um paralelo exaustivo do processo cognitivo em si. Sobre esse ponto, Turner (2024, informação verbal) ressalta “A mesclagem é um processo, não um diagrama”¹⁰ então devemos observar a representação gráfica mais sob uma ótica esquemática do que como uma fórmula rígida, na qual se deve encaixar a qualquer custo todos os pedaços de um dado analisado. Fauconnier e Turner (2006) já observavam que a função desses diagramas é dar suporte para compreendermos os princípios do fenômeno de mesclagem, e dessa mesma maneira interpretaremos e praticaremos os diagramas elaborados neste trabalho.

De acordo com Fauconnier e Turner (2006), no processo de mesclagem conceptual, muitas vezes os espaços de entrada são estruturados por domínios distintos, *frames* não compatíveis entre si, mas que emergem de um mesmo domínio conceptual, geralmente manifestado no espaço genérico. Inclusive, cada um dos domínios participantes de uma mesclagem pode ser uma mesclagem também, com determinado histórico conceptual (Azevedo, 2010). Fauconnier e Turner (2006) observam também que a integração conceptual e as mesclagens funcionam naturalmente por meio de redes bastante complexas e os domínios/elementos mencionados em explicações e diagramas sobre esse fenômeno cognitivo fundamental não cobrem todos os espaços mentais envolvidos, sendo uma simplificação. Os autores (2006)

¹⁰ Transcrição/Tradução de fala proferida pelo Professor Turner no minicurso “Creativity and Cognition”, em março de 2024.

afirmam ainda que é possível construir mais de uma mesclagem conceptual aceitável para um mesmo objeto de análise.

Dentre os tipos de redes de integração conceptual para mesclagem destacadas por Fauconnier e Turner (2006), estão a rede espelho, a rede simplex, a rede de escopo simples e a rede de escopo duplo. Cada uma dessas redes trabalha as relações entre seus espaços mentais conforme topologia organizada por um ou mais *frames* específicos.

Na rede espelho, todos os espaços (genérico, entradas, mescla) são orientados por um mesmo *frame* organizador. O exemplo clássico de Fauconnier e Turner (2006) para esse tipo de rede é o Enigma do Monge Budista, no qual pede-se para considerar a jornada de um monge para subir uma certa montanha para meditar em seu topo e para descer de volta ao sopé; ambas as jornadas começam em dias distintos, com o amanhecer, e terminam com o pôr do sol. O enigma é se haveria um mesmo local das duas jornadas em que o monge chegaria no mesmo horário. Para solucionar-se o desafio, devemos contrapor as duas jornadas como se ocorridas no mesmo dia, de modo que possamos imaginar algum ponto do trajeto em que o monge da subida cruzaria com o monge da descida – algo que só pode ocorrer por meio da integração conceptual, uma vez que os monges são o mesmo e os dias de jornada, não. O que tipifica essa rede como espelho é essa repetição de estrutura conceptual de mesmos elementos, com apenas uma reversão de direção da cena cognitiva.

Na rede simplex, um espaço de entrada baseia-se em um *frame* organizador abstrato enquanto a outra entrada serve apenas para especificar uma situação concreta; as projeções ocorrem então da primeira entrada para os espaços genérico e mescla. Segundo os autores, mesclagens do tipo “X é filho de Y/Ravi é filho de Paulo” enquadram-se nesse tipo de rede, no qual a entrada de *frame* organizador Parentesco conteria os elementos esquemáticos Filho (X) e Pai (Y), para serem preenchidos pelos elementos especificadores da outra entrada – Ravi e Paulo, em nosso exemplo.

Na rede de escopo simples, os espaços de entrada têm *frames* organizadores diferentes e um deles projeta-se para configurar o espaço-mescla. Conforme explicam Fauconnier e Turner (2006), essa é uma mesclagem conceptual que opera por meio de metáforas básicas, como, por exemplo, em “No debate dos presidenciáveis, o candidato X nocauteou o candidato Y”. Os espaços de entrada em uso aqui podem ser Política, que funciona como um domínio-alvo metafórico, e Luta, que funciona como um domínio-fonte metafórico; a partir da metáfora básica Competição/Combate, os candidatos adversários do domínio Política em situação de debate são mapeados para o domínio Luta, que estrutura o espaço-mescla.

Na rede de escopo duplo, as entradas são organizadas por *frames* distintos, com projeção parcial desses *frames* para o *frame* emergente no espaço-mescla (Fauconnier, Turner, 2006). Temos neste tipo de rede de integração conceptual a base de mesclagem conceptual para analisar os neologismos verbais que são objetos deste estudo.

Como mencionado anteriormente, neologismos verbais são novas construções criadas para suprir a necessidade comunicativa de denotar ações (Ferreira, Amaral, 2024). Nossa hipótese é que essas ações denotadas, especificamente conjuntos de atividades, são organizadas pela mesclagem conceptual e resultantes desta. Segundo Fauconnier e Turner (2006), dentre as funções que a mesclagem pode exercer na linguagem está a elaboração de novas ações, bem como a integração da performance de ações. Os autores explicam ainda que “um fator motivante fundamental da mesclagem é a integração de vários eventos em uma única

unidade” (p. 332, tradução nossa),¹¹ o que inclui também eventos discretos ativos em uma cena cognitiva evocada por construções eventivas. No exemplo dos autores “Ele digeriu o livro”, não só a metáfora é captada (por meio de uma mesclagem de escopo simples) como também todos os possíveis eventos participantes dessa “digestão de livros”: pegar o livro, ler, folhear, marcar trechos, terminar o livro, fechá-lo, pensar sobre a leitura, etc.

A abordagem teórica da mesclagem conceptual nos oferece não só um ponto de partida para a explicação da necessidade de se criar novas palavras verbais, como também se demonstra compatível com a abordagem construcional, podendo ser aplicada em diferentes níveis taxonômicos. Além disso, mesclagens conceptuais, assim como acontece com construções/construtos, podem ser entrincheiradas ou inovadoras (Azevedo, 2010; Fauconnier, Turner, 2006). Dessa forma, mesclagens conceptuais estão presentes tanto em nossa memória de longo prazo, em entidades conceptuais já estáveis (como o Centauro, como a metáfora básica Competição/Combate), quanto em nossa memória de trabalho, por meio de integrações conceptuais realizadas *online*, discursivamente. Fauconnier e Turner (2006) chamam atenção ao fato de que as mesclagens inovadoras e entrincheiradas não são exatamente diferentes, já que as entrincheiradas foram projeções *online* que se fixaram em nossa mente em algum momento.

Considerando que a capacidade de mesclagem conceptual está por trás da criatividade linguística como um todo (Hoffmann, 2019, 2022b), podemos dizer que esse processo atua em todos os níveis taxonômicos de construções: desde os níveis mais abstratos (uma construção X integrada a outra construção Y emerge um construto XY) aos mais substantivos (*beber* integrado a *comemorar* emerge *bebemorar*). Cabe ao nosso capítulo seguinte explicar como os neologismos se encaixam nesse contexto criativo, especificamente os novos verbos do português brasileiro envolvendo os *frames* semânticos de Lazer e Trabalho.

3 Construção e mesclagem de neologismos verbais

Os dados coletados totalizam 12 neologismos verbais, divididos em dois grupos: a) 7 neologismos do *frame* semântico Lazer; b) 5 neologismos do *frame* Trabalho. A coleta foi realizada em redes sociais diversas e o *status* neológico das palavras coletadas foi verificado em *corpora* lexicográfico de corte, como detalhado na introdução. Os exemplares neológicos estão listados no Quadro 1.

Quadro 1 – Lista de neologismos verbais de atividades de Lazer/Trabalho

Construção X-ar	Texto	Fonte/Link	Acesso
Bebemorar	“Vamos bebemorar , o churrasco e a cerveja estão só esperando [...]”	Twitter/X	5 out. 2023.
Canastre-se	“ CANASTRE-SE! ”	Instagram	7 dez. 2023
Noronhe-se	“ Noronhe-se ”	Twitter/X	16 nov. 2023
Praiar	“meu Deus eu preciso urgentemente praiar ”	Twitter/X	24 jan. 2024
Resenhar	“To sentindo falta de pessoas mano, de reseinhar com os amigos e tal q eu to ficando triste de vdd q essa quarentena não acaba logo”	Twitter/X	27 dez. 2023

¹¹ “A fundamental motivating factor of blending is the integration of several events into a single unit” (Fauconnier, Turner, 2006, p. 332).

Rolezar	“[...] Viver só com a pressão da universidade deixa vc doente!!! Vc merece ter uma vida social sim Eu estudei e rolezei E to aq GRADUADÍSSIMA.”	Twitter/X	8 nov. 2023
Turistar	“Vamos turistar pelo Brasil!”	Twitter/X	22 out. 2023
Jobar	“Tô sem feeling de jobar hoje pah. [...]”	Twitter/X	12 jan. 2024
Perfomar	“CAMPANHA PAROU DE PERFORMAR DEPOIS QUE PAUSEI [...]”	Youtube	30 nov. 2023
Schedular	“um publicitário já me pediu pra ‘ schedular ’ uma reunião na semana seguinte.”	Twitter/X	2 jan. 2024
Teletrabalhar	“[...] Teletrabalhar não significa estar disponível 24h/7 dias à semana. [...]”	Twitter/X	04 out. 2023
Tradar	“Munger afirma que ensinar as pessoas a tradar na bolsa é o equivalente a introduzi-las a heroína...”	Twitter/X	27 out. 2023

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesta seção, elaboraremos nossa análise partindo desses dados a fim de encontrar explicações para generalizações linguísticas e cognitivas na emergência de novos verbos da língua portuguesa. Reiterando, a nossa hipótese é de que a criatividade presente nesse processo neológico se motiva por nossa necessidade de mesclar conhecimentos de mundo em uma única construção lexical que expresse uma ação formada por um conjunto específico de atividades.

3.1 Propostas de esquemas construcionais e diagramas básicos de mesclagem para os dados

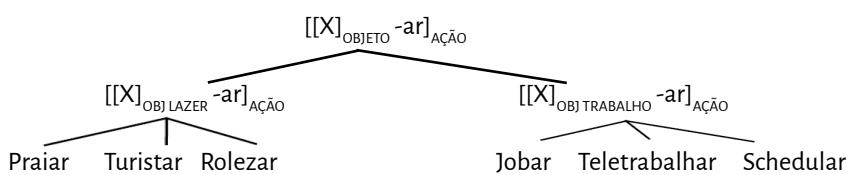
As construções relacionadas no Quadro 1 apresentam certa estabilidade semântica no sentido de todas serem uma espécie de atividade, isto é, denotarem uma entidade conceptual de ação: são conceitos majoritariamente dinâmicos, relacionais e transitórios (Croft, 2022). Em uma visão tradicional, seria observado que esses neologismos são ações por serem verbos, mas essa não é uma assertiva coerente na visão construcionista. Em perspectivas como a de Croft (2022), têm-se a ideia contrária, orientada do uso para o abstrato, ou seja, grande chance de os neologismos relacionados ocorrerem em uma forma verbal é por expressarem conceitos de ação. Noutras palavras, a classe morfossintática dos verbos, bem como todas suas formas flexionais relacionadas, é prototípica para expressão de entidades conceptuais de atividades (Ferreira, Amaral, 2024). Hoffmann (2022a) ressalta termos consonantes aos de Croft (2022) para a definição de verbos, descrevendo-os como construções que prototípicamente concebem um evento como processual, com relação temporal e dinâmica.

Em um nível mais substantivo, nossos dados manifestam-se no polo formal com as construções X-ei (*rolezei*) X-e (*canastre-se, noronhe-se*) e X-ar (*bebemorar, praiar, turistar* e todas as outras). As flexões -ei, -e e -ar que fazem parte dessas construções, bem como qualquer outro desdobramento desse paradigma, são prototípicamente usadas para expressar um

conceito de ação (Croft, 2022).¹² Em um nível taxonômico mais esquemático, 11 das 12 palavras de nossa amostra instanciam a construção $[[X] \text{-ar}]$. Nesta, ocorre uma combinação entre uma construção base (X) e uma construção flexional. No polo funcional de nossos dados, a construção mais esquemática evoca *frames* vinculados às classes semânticas de objeto e ação, que representaremos do seguinte modo: $[[X]_{\text{OBJETO}} \text{-ar}]_{\text{AÇÃO}}$. Nesta, denota-se uma ação composta por um conjunto de atividades relacionadas a um conceito base de objeto. *Praiar*, por exemplo, denota atividades envolvidas com o objeto *praia*, enquanto *jobar* denota atividades envolvidas com o objeto *job*. Quais atividades são expressas pela nova construção e como são organizadas têm base em mesclagens realizadas no domínio conceptual desses objetos.

Retomando Croft (2022), a definição de conceito de objeto que usamos neste trabalho diz respeito a qualquer entidade conceptual de natureza estática (não denotam mudança) e não relacional (não dependem de outra entidade conceptual para efetivar sentido); nesta categoria, incluem-se coisas, pessoas e demais entidades de caráter abstrato ou concreto dentro dos critérios. De forma sucinta, o que nossa pesquisa postula é que os neologismos analisados se baseiam em atividades relacionadas a um conceito de objeto para expressar um conceito de ação, por meio da construção *-ar* (e seu paradigma). No entanto, devemos considerar que construções, neológicas ou não, são estritamente relacionadas ao *frame* que evocam ao serem utilizadas no discurso, e usar apenas o índice de classe semântica $_{\text{OBJETO}}$ traz noções muito gerais que podem ser refinadas. Em busca desse refinamento, trazemos duas novas construções esquemáticas a partir da construção mostrada anteriormente, partindo para um nível taxonômico mais substantivo, instanciado por nossos neologismos, conforme (1).

(1)



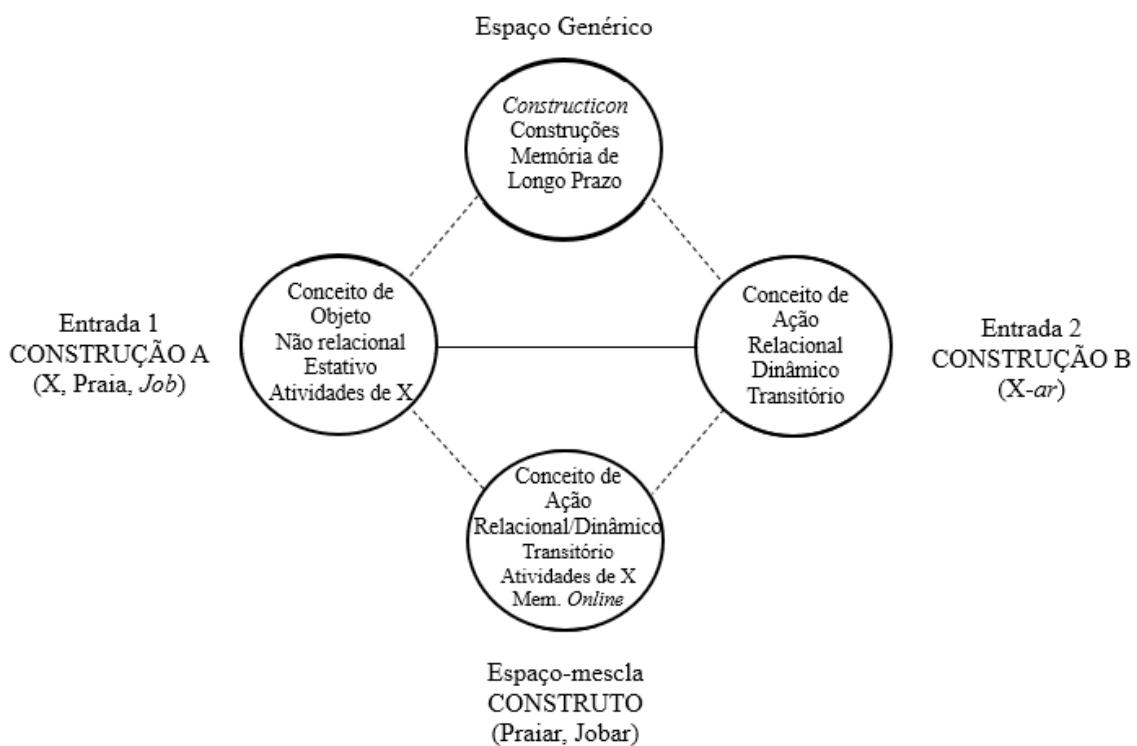
Dessa forma, chegamos às duas categorias semânticas de criações neológicas analisadas: a) a primeira, cuja base é um conceito de objeto relacionado ao *frame* Lazer; b) a segunda, relacionada ao *frame* Trabalho. O conceito de ação expresso pelos neologismos (em (1), o nível de *praiar*, *turistar*, *jobar*, etc.) compartilha atividades do mesmo *frame* que o conceito base de objeto, pois as atividades relacionadas são subdomínios (ou subframes) deste. Esses neologismos compõem a rede de construções verbais em um nível mais substantivo, isto é, fixo, preenchido. *Canastrar*, *noronhar*, *praiar*, *resenhar*, *rolezar* e *turistar* partem do *frame* Lazer, relacionados aos respectivos objetos *Serra da Canastra*, *Fernando de Noronha*, *praia*, *resenha*, *rolê*, *turista*. Da mesma forma, *jobar*, *performar*, *schedular*, *teletrabalhar* e *tradar* partem de Trabalho, relacionados aos objetos *job*, *performance*, *schedule*, *teletrabalho* e *trade*. Há ainda o neologismo *bebemorar*, mas este não participa da rede construcional da mesma forma que os outros por ser um *blend* lexical entre palavras que já são ações (Gonçalves, 2016a).

¹² Construções como estas são chamadas *estratégias morfossintáticas* por Croft (2022), sendo próprias de uma língua e usadas para expressar uma combinação específica entre empacotamento de informação e conteúdo semântico. No caso de nossos dados, são usadas para empacotar o conteúdo semântico de conceito de objeto como uma predicação.

Mesmo com a rede construcional que ilustramos, apenas dizer que *praiar* é fazer atividades de lazer relacionadas à *praia* não responde nossa pergunta sobre que motivações cognitivas relevantes estariam por trás da criação de novos verbos de trabalho e lazer. Neste ponto, buscamos mostrar como a mesclagem conceptual pode ser o processo motivador que procuramos.

Em um nível mais básico da criatividade linguística, dissemos que Hoffmann (2022a) aposta na mesclagem conceptual como processo cognitivo de domínio geral a sustentar nossa capacidade de combinar construções para conseguirmos nos comunicar. Em termos construcionais, isso traz a possibilidade de se considerar que a mesclagem conceptual ocorre em vários níveis taxonômicos de representação linguística, uma vez que a própria relação entre as construções é organizada em rede, compondo nosso conhecimento linguístico integral. Com base nesse ideário, representamos no diagrama da Imagem 2 como a mesclagem conceptual se realizaria na construção esquemática básica de nossa análise: $[[X]_{\text{OBJETO}} - \text{ar}]_{\text{ACÃO}}$.

Imagen 2 – Mesclagem conceptual construcional

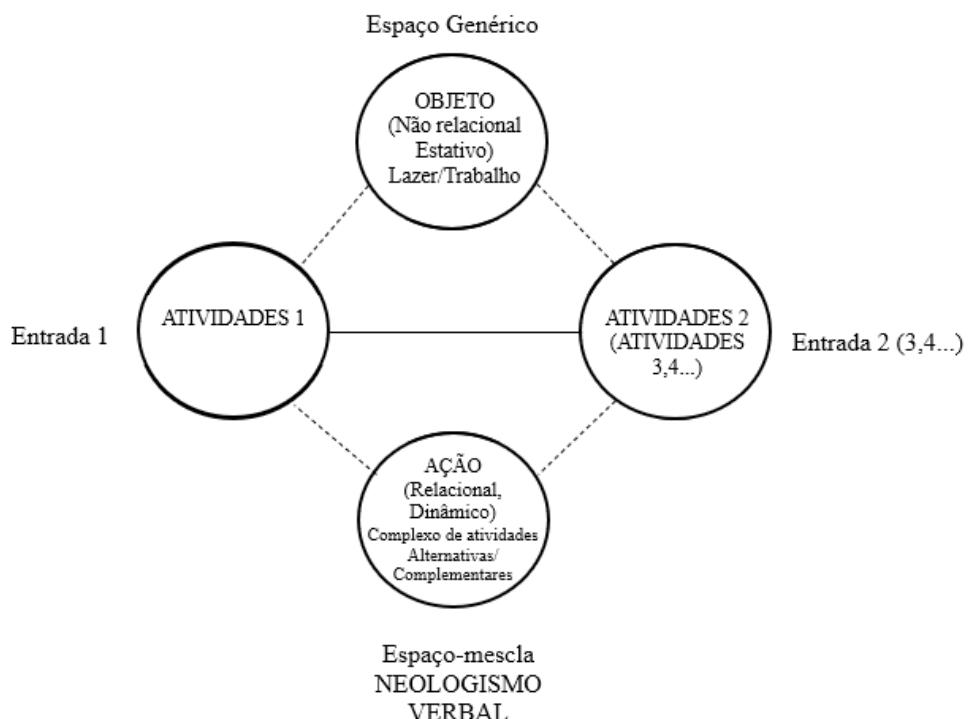


Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa proposta de diagrama, percebemos que ambas as construções nos domínios de entrada compartilham no espaço genérico a participação no *constructicon* (e suas redes), armazenadas como pareamentos de forma e significado/função na memória de longo prazo. Assim como domínios conceptuais, *frames* ou modelos cognitivos servem para estruturar os espaços mentais com elementos conceptuais, nesse caso, as construções cumprem esse papel, com seu polo funcional atuando como conjuntos de conhecimentos estruturadores. Na representação da mesclagem realizada em $[[X]_{\text{OBJETO}} - \text{ar}]_{\text{AÇÃO}}$, a construção A (*X, praia, job*) denota um conceito de objeto enquanto a construção B (*X-ar*) denota um conceito de ação, como uma forma prototípica para esse tipo de expressão. No espaço-mescla, temos o cons-

truto, próprio da memória *online*, que seleciona dos domínios de entrada o elemento conceptual de ação de B e o elemento conceptual objeto em A, resultando em uma nova forma de ação que expressa atividades relacionadas a esse objeto. Todos os dados apresentados caberiam nesse modelo apresentado,¹³ no entanto, esse diagrama ilustra apenas o processo construcional mais abstrato que emerge das construções X-*ar* de verbos de atividade que trabalhamos. Para compreender nossos dados no nível mais substantivo e próximo aos dados de uso, teremos por modelo a representação da Imagem 3:

Imagen 3 – Mesclagem conceptual em neologismos de atividade de lazer/trabalho



Fonte: Elaborado pelo autor.

O diagrama na Imagem 3 explica o seguinte processo: tipos de atividades estruturadas por domínios diferentes (e por *frames* diferentes), mas que são parte de um mesmo domínio de objeto, relacionado a lazer ou trabalho, são combinadas para originar uma nova ação na estrutura emergente, relacionada ao *frame* de objeto. Esta ação é composta por um complexo de atividades projetadas das entradas e expressa como uma única construção verbal/palavra novitativa, que é o neologismo. A quantidade de entradas de atividades é ilimitada e seus elementos projetados no espaço-mescla são conceptualizados como atividades parciais de um mesmo evento, a serem ativadas cognitiva e individualmente, conforme o contexto de

¹³ *Bebemorar* também combina construções para formar um construto, mas por um processo diferente, por ser um *blend* lexical. De qualquer forma, a integração de eventos/atividades específicas parece ainda ser o maior motivador da criação desse neologismo.

uso. Observa-se também que não há hierarquia entre os espaços de entrada desse modelo, baseado em redes de escopo duplo, e as numerações são apenas para identificação.

A seguir, pretendemos demonstrar o funcionamento dos diagramas apresentados a partir dos neologismos coletados.

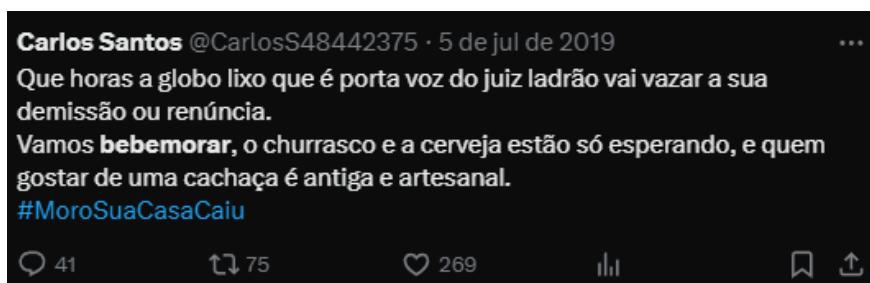
3.2 Integração e mesclagem conceptual em neologismos de atividade de lazer e trabalho

3.2.1 Novos verbos de lazer

3.2.1.1 Bebemorar

O primeiro dos neologismos verbais de lazer analisado, *bebemorar*, difere dos outros dados em questões de processo formativo, mas demonstra-se resultante também da integração de eventos por mesclagem conceptual em sua criação neológica. Observe a Imagem 4:

Imagen 4 – Bebemorar



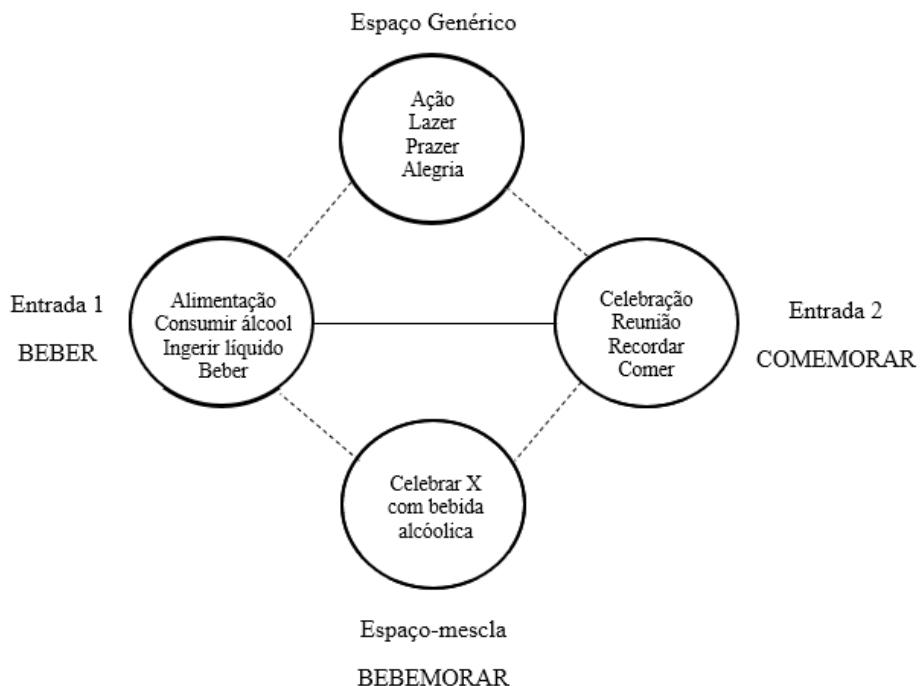
Fonte: X (2019)

No tuíte, o neologismo *bebemorar* apresenta funcionamento similar a *comemorar*, sendo semanticamente relacionado a um agente que “bebemora” e a um motivo para ser “bebemorado”. Essa natureza relacional enquadra a construção lexical na classe semântica das ações/atividades, somada também ao seu caráter dinâmico/temporal, este ressaltado principalmente pelo verbo leve que acrescenta traços de futuro, 3^a pessoa e uma noção convidativa à perífrase de “vamos bebemorar”. Porém, mesmo sendo um novo verbo que denota ação, esse neologismo não é uma construção participante de $[[X]_{\text{OBJETO}} -ar]_{\text{AÇÃO}}$ como as outras. A base de *bebemorar* não é formada por uma construção de conceito de objeto, mas, sim, pelo cruzamento de duas construções que já denotam conceito de ação, *beber* e *comemorar*. Há uma diferença criativa em *bebemorar*, pois em vez da sufixação com *-ar*, que ocorre em todos os outros dados deste trabalho, ela é formada por *blend* lexical entre as duas palavras, a partir de uma analogia entre *comer(morar)* e *beber(morar)*. *Blends* lexicais são tipos de formações motivados pela prosódia e fonologia, logo, é justificável que não se possa prever sua forma com uma representação esquemática morfológica, como no caso das sufixações.

Pelas particularidades que apontamos, *Bebemorar* não se mostra compatível com nossas propostas de diagramas básicos para os neologismos verbais de atividades, no entanto, esse neologismo não deixa de ser uma criação motivada pela adjunção de atividades a serem expressas por uma única construção lexical. Mais que isso, *bebemorar* é fruto de uma mescla-

gem conceptual genuína, sendo morfologicamente explícita no polo formal e manifestando a emergência de um complexo de atividades no polo funcional. Propomos na Imagem 5 o seguinte diagrama de mesclagem conceptual para o dado *bebemorar*:

Imagen 5 – Mesclagem conceptual em *bebemorar*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em *bebemorar*, os dois espaços de entrada *beber* e *comemorar* estabelecem mapeamento entre si, compartilhando elementos do espaço genérico como serem ambos tipos de ações, geralmente relacionadas a ocasiões de lazer, alegria e prazer. No mapeamento análogo entre as entradas, considera-se que o *frame* de *beber* diz mais do que apenas ingerir líquido, mas consumir álcool por ocasiões celebrativas, algo só ativado por nosso conhecimento de mundo. Na outra entrada, concebe-se cognitivamente que *comemorar* relaciona-se com um motivo a ser recordado, também em ocasião alegre. Nessa atividade comemorativa, *comer* não apenas é um tipo de atividade costumeira, como é evocada pela similaridade sonora entre “come” e a sequência fonológica presente na junção de **co-** e **memorar**, que licencia a analogia imediata entre beber/comer. Processada a seleção de elementos, a estrutura emergente no espaço-mescla traz *bebemorar* como uma nova ação, com o significado de “Celebrar X com bebida alcóolica”. Assim, a palavra não parte de um *frame* de objeto para compor uma nova ação, mas seu resultado é, sim, a emergência de uma nova ação complexa, que coleciona e unifica uma série de atividades relacionadas e captadas no *frame* de Lazer.

3.2.1.2 Canastre-se e Noronhe-se

Ambos os neologismos verbais *canastre-se* e *noronhe-se* são truncamentos que dizem respeito a locais brasileiros conhecidos como destinos turísticos: Serra da Canastra e Fernando de Noronha. Vejamos as construções em uso nas Imagens 6 e 7:

Imagen 6 – Canastrar



Fonte: Instagram

Imagen 7 – Noronhar



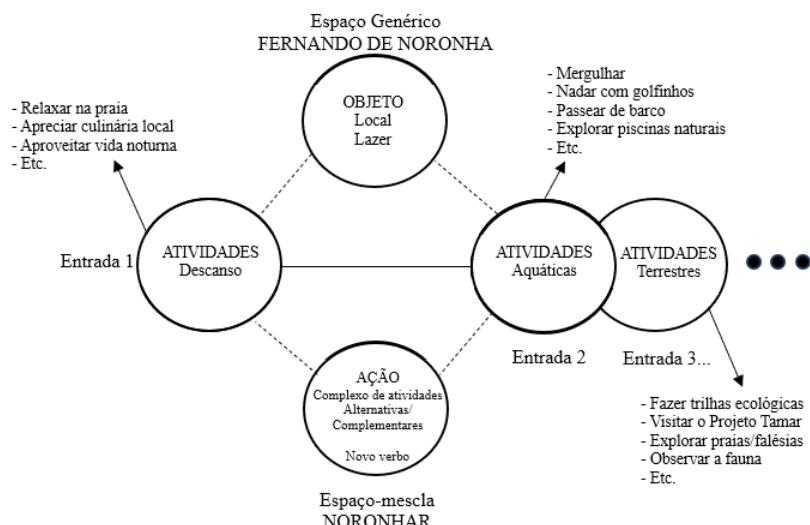
Fonte: Twitter

O que ocorre tanto em *canastre-se* quanto em *noronhe-se* é a criação de neologismos capazes de expressar um complexo mesclado de atividades (um conceito de ação) especificadas pelo *frame* de um local de lazer (um conceito de objeto). Nessas construções temos a pre-

sença combinada de duas construções: a) X-*ar*, que licencia a expressão de ações; b) X-*se*, que licencia a expressão de função reflexiva. A começar pela forma dessas construções: em X-e, percebemos o modo imperativo, em 2^a pessoa, em que os dois perfis de redes sociais buscam convencer o interlocutor a realizar atividades turísticas de determinados destinos, ao qual estão relacionados; em X-se, percebemos a função reflexiva de *se*, em que um mesmo referente (o interlocutor) é potencial agente/paciente da experiência dessas atividades turísticas (Godoy, Pinheiro, 2023). Dessa forma, os neologismos apresentam ser relacionais com um agente que pratica essas ações turísticas. Logo, dizer para alguém se “noronhar” ou se “canastrar” é dizer para alguém se permitir a fazer atividades de lazer relacionadas a determinados locais. Esses neologismos instanciam a construção mais esquemática $[[X]_{\text{OBJ LAZER}} \text{-ar}]_{\text{AÇÃO}}$.

As atividades de lazer relacionadas nesses neologismos são captadas nos *frames* dos conceitos de objeto (*Fernando de Noronha* e *Serra da Canastra*), por meio da mesclagem conceptual que unifica todas essas atividades na nova palavra, para expressá-las como um conceito de ação sob uma única forma/palavra. Tal processo pode ser ilustrado por meio do diagrama básico de mesclagem conceptual que propusemos, conforme mostramos com a Imagem 8, com *noronhar*.

Imagen 8 – Mesclagem conceptual em *noronhar*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que os tipos de atividades nos espaços de entrada não se limitam a três e que domínios inúmeros podem estruturar a integração conceptual aqui ilustrada, contanto é importante considerar que cada domínio tem certa distinção dos outros, assim como as próprias atividades em si agrupadas também são diferentes entre elas. A organização categorial dos domínios de atividades também não é fixa e pode ser classificada em nomenclaturas diversas das escolhidas por este trabalho. O fato é que, por mais diferentes que sejam essas atividades dos espaços de entrada, todas encontram ponto comum no *frame* do objeto Lazer (no espaço genérico) e são projetadas na estrutura emergente do espaço-mescla, para compor e organizar o complexo de ação.

No caso de *noronhar*, considerando o caráter paradisíaco culturalmente atribuído à ilha de Fernando de Noronha, as atividades vão ser projetadas com base nesse conhecimento

de mundo, que pode variar de indivíduo para indivíduo que interpreta a nova palavra. Logo, espera-se que praticar essa ação é *poder* realizar todas essas atividades e quaisquer outras que se enquadrem cognitivamente no *frame* do objeto. Compreende-se assim também que o uso de neologismos verbais não inclui necessariamente a prática completa e/ou ordenada de todas as atividades envolvidas na ação complexa, mas apenas aquelas que forem selecionadas, de modo cognitivo, para o contexto comunicativo.

Em sentido similar, *canastrar* envolve conjuntos diversos de atividades captadas no *frame* da Serra da Canastra, que podem incluir atividades de turismo rural (visitar fazendas produtoras de queijo, conhecer cultura das comunidades locais), atividades de aventura (acampar, explorar a natureza, visitar o Parque Nacional da Serra da Canastra), entre outras. Em suma, a estratégia que as publicações das Imagens 6 e 7 empregaram usando os neologismos verbais é transformar um local turístico em atividades turísticas, fazendo um convite aos interlocutores (reforçado pelas imagens das postagens) por meio da construção reflexiva para se permitirem viver essa experiência.

Esse tipo de construção verbal baseada em locativos turísticos aparenta certa produtividade para suprir a necessidade de se expressar atividades locais criativamente por meio de uma única palavra. No entanto, existe alguma restrição fonológica à base, pois nem todo nome de locativo encaixa-se no esquema construcional X-se de modo “confortável” ao uso. Casos semelhantes com que nos deparamos em redes sociais foram *curitibe-se*, *alagoe-se* e *copacabane-se*, todos com base em locativos terminados em -a ou -as (como Serra da Canastra e Fernando de Noronha).¹⁴

3.2.1.3 Turistar e Praiar

Os neologismos verbais *turistar* e *praiar* serão observados nas ocorrências das Imagens 9 e 10:

Imagen 9 – turistar



Fonte: Twitter/X

¹⁴ Neologismos disponíveis em: <https://www.instagram.com/alinneguerino/reel/CSIGO7PluBO/>; https://www.instagram.com/scottlowe.br/p/Cx-7z_mrHfW/?img_index=1; e https://www.instagram.com/thirsonsilva/p/Cn7nnBeMZ-N/?img_index=1. Acesso em: 9 jul. 2024.

Imagen 10 – praiar



Fonte: Twitter/X

Começando por *turistar*, temos nessa nova construção verbal um neologismo que mescla atividades diversas captadas do *frame* da entidade conceptual *turista*, que também corresponde a um objeto, por sua natureza não relacional e estática. Enquanto em *canastrar* e *noronhar*, o objeto denotado dizia respeito a um local de lazer, *turistar* diz respeito a uma pessoa que pratica o lazer, neste caso, relacionado ao turismo. Dessa forma, chamar alguém para turistar, conforme o contexto do tuíte da Imagem 9, é chamar alguém para fazer atividades relacionadas a locais turísticos brasileiros (como Pipa/RN). Esse neologismo também é compreendido na construção esquemática para verbos de atividade de lazer, mas agora o complexo de atividades é evocado de uma idealização de *pessoa/turista* em vez de um *local*; em qualquer um dos casos, o *frame* básico parte de um conceito de objeto para se compor a nova ação expressa pelo neologismo.

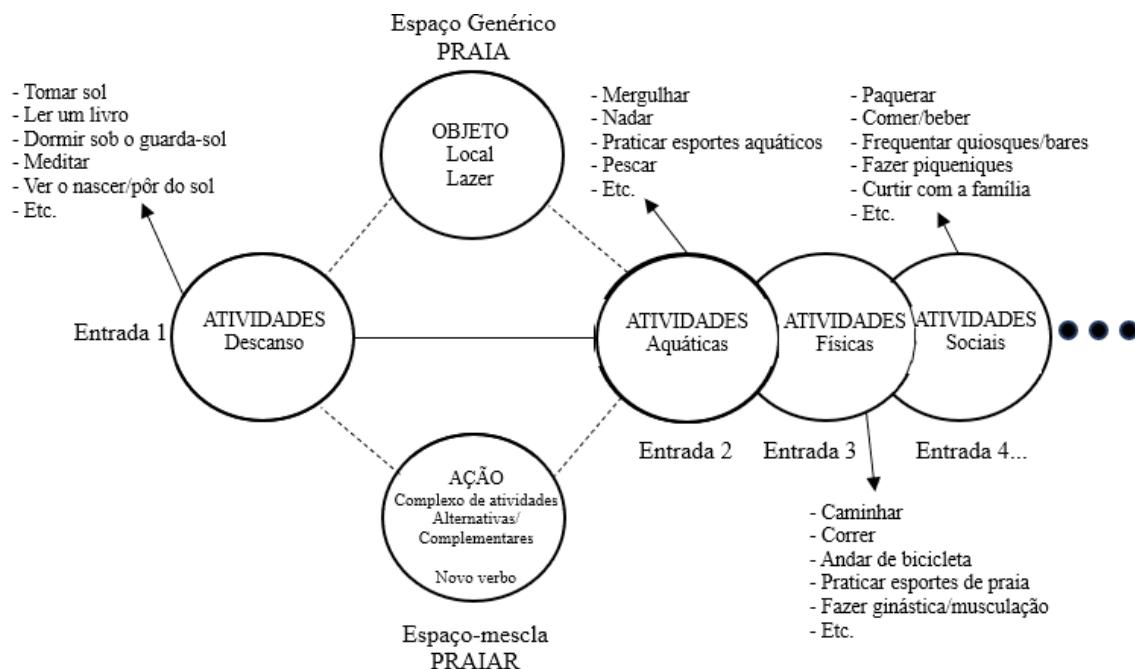
Dessa forma, os domínios dos espaços de entrada poderiam ser manifestados na mesclagem conceptual com: a) atividades culturais/históricas, como visitar museus, conhecer locais e monumentos históricos, participar de festivais e eventos tradicionais do local, experimentar a culinária local; b) atividades naturais e ao ar livre, como explorar parques naturais, conhecer praias/lagos/rios para nado, praticar atividades físicas como caminhadas e ciclismo; c) atividades de descanso e entretenimento, como participar de shows, aproveitar a vida noturna em bares/restaurantes, fazer compras nos centros comerciais do local, relaxar em praças e outros pontos turísticos. Obviamente, como em todos os outros casos apresentados aqui, as possibilidades de atividades não são exaustivas, e todas podem ser organizadas/categorizadas diferentemente, conforme o discurso. Para o caso de *turistar*, observamos inclusive que há similaridades de atividades com *noronhar* e *canastrar*, mas em uma esfera mais genérica, uma vez que o *frame* parte das práticas gerais de um *turista* ideal que pode cobrir vários locais, embora no enunciado da ocorrência haja direcionamento para se *turistar* no Brasil (considerando-se a imagem, especificamente em Pipa, no Rio Grande do Norte, o que traria noções mais específicas para o *frame*, se esta fosse uma análise multimodal). Assim, *turistar* mescla em uma única construção lexical uma rede de possibilidades de atividades irradiadas do *frame* de um conceito de objeto para compor um conceito de ação complexa.

O neologismo *praiar*, mostrado na Imagem 10, também não se afasta muito do campo semântico do Turismo, como os neologismos anteriores, mas traz um *frame* mais específico com relação ao tipo de ambiente em que se pratica o lazer. Como em *noronhar* e *canastrar*, *praiar* também diz respeito a um local de lazer, a praia, participando assim da construção esquemática $[[X]_{\text{OBJ LAZER}} - \text{ar}]_{\text{AÇÃO}}$ da mesma forma que as duas. O que a pessoa do tuíte diz quando assume que precisa urgentemente de *praiar* é que ela precisa urgentemente fazer atividades comuns de se fazer na praia, ou seja, realizar um complexo de atividades que só são possíveis de serem inteligidas ao se conceptualizar o objeto *praia* e todos os conhecimentos enciclopédicos relacionados em seu *frame*. Percebemos também que a necessidade de *praiar* (assim como *turistar*) em ter um agente, um alguém que *praia*, situa a relacionalidade da nova ação complexa

que emerge com o neologismo. Na ocorrência da Imagem 10, o *eu* expresso na desinência de *preciso* que participa da perífrase com *praiar* preenche esse papel de agentividade da ação.

Na Imagem 11, dispomos um diagrama que busca ilustrar o processo de integração conceptual em *praiar*:

Imagen 11 – Mesclagem conceptual em *praiar*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os espaços de entrada, estruturados aqui por quatro tipos de *frame* semânticos, são distintos entre si (como são suas atividades agrupadas), mas todos são compreendidos dentro do *frame* do conceito de objeto *praia* como atividades bem contextualizadas a esse tipo de local. Esses espaços interagem por meio do espaço genérico e mesclam-se, projetando diferentes tipos de atividades (elementos) na estrutura emergente do espaço-mescla para composição do complexo de atividades possíveis de serem expressas em uma única construção verbal, o *praiar*, que denota um conceito de ação.

Todas essas atividades que emergem no significado do espaço-mescla são conceptualizadas conforme as experiências e conhecimento enciclopédico que o falante atribuiu ao conceito *praia*. É importante considerar que essa seleção de atividades pode assumir caráter subjetivo que destoa do conhecimento social e protótipo. Por exemplo, se um determinado grupo de amigos se habitua a ir à praia aos sábados, no nascer do sol, praticar capoeira, depois nadar, tomar sol e beber água de coco antes de ir para casa para almoçar, a prática de capoeira, não mencionada no diagrama (assim como tantas outras atividades possíveis) participa do complexo de atividades individual desse grupo de amigos. Assim, essa atividade particular também será ativada cognitivamente nas interações do grupo quando qualquer um deles disser ao fim de uma sexta-feira “Bora praiar amanhã, né?”.

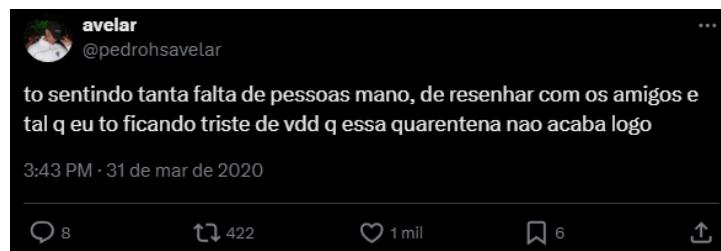
Ressalta-se assim que as atividades projetadas na mescla são: a) alternativas, ou seja, você não as realiza por completo, como um conjunto de atividades que compõe sequencialmente as fases de determinada ação; b) e complementares, podendo ser compostas umas às

outras, selecionadas com base no uso comunicativo e contextual. Temos em *praiar* então um neologismo verbal que traz em uma única construção lexical de conceito de ação a expressão de uma rede de atividades captadas do *frame* do conceito de objeto *praia*, um local de lazer.

3.2.1.4 Resenhar e Rolezar

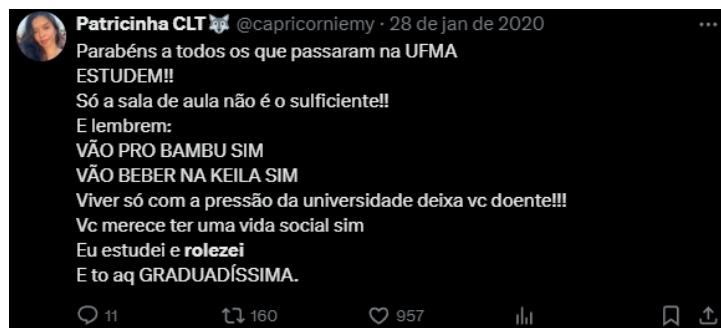
Observe os usos de *resenhar* e *rolezar* nas Imagens 12 e 13:

Imagen 12 – Resenhar



Fonte: Twitter/X

Imagen 13 – Rolezar



Fonte: Twitter/X

Nesses casos, os conceitos base de objeto são, respectivamente, *resenha* e *rolê*, ambas situações de entretenimento caracterizadas pela reunião de pessoas. Resenha, nesse sentido, refere-se ao neologismo semântico (um novo significado atribuído a uma forma antiga de palavra) que denota ocasiões festivas como churrascos, encontros de amigos e festas; é desse *frame* que emanam as atividades em mesclagem que compõem o neologismo verbal *resenhar*. O mesmo ocorre com *rolezar*, que, semelhante à expressão idiomática *dar um rolê/rolé*, ativa cognitivamente atividades relacionadas ao rolê, isto é, um tipo de passeio ou saída com objetivo de diversão. Compreende-se nesses dois dados que suas bases (*resenha*, *rolê*) já denotam por si um agrupamento formado por certas atividades. Essas bases podem ser tratadas como objeto conceptual por serem cada um conjunto de atividades, prototípicamente usado para referenciar determinada ocasião de lazer compartilhado. Dessa forma, os dois neologis-

mos instanciam a construção esquemática $[[X]_{\text{OBJ}} \text{LAZER} \text{-ar}]_{\text{AÇÃO}}$ por se tratarem de atividades evocadas do *frame* de um objeto de lazer, formando um tipo de evento social.

Na Imagem 12, quando o autor do perfil se queixa do isolamento social atribuído à pandemia do Coronavírus, sentindo falta de resenhar com os amigos, ele traz para dentro do neologismo todas as atividades de lazer relacionadas a esse evento social: beber com a galera, ouvir música, receber os amigos em sua casa em um churrasco, dançar, ir para algum bar ou ambiente descontraído para conversar e passar o tempo. Todas essas atividades restritas na época, por serem de caráter coletivo.

No tuíte da Imagem 13, a autora não só usa o neologismo *rolezei* como exemplifica atividades de lazer nele contidas a partir do modo como ela comprehende o *frame* da construção em uso, com “vão pro bambu sim” e “vão beber na Keila sim”. Por mais que não conheçamos exatamente o que são Bambu e Keila nesses enunciados, é fácil de relacioná-los a tipos de rolê – provavelmente restaurantes/bares em que se pode beber (principalmente o local Keila). Ao dizer “eu estudei e rolezei e estou aqui graduadíssima”, ela assegura que foi possível conciliar suas obrigações de estudante universitária e toda a variedade de atividades sociais voltadas ao lazer sem que isso a impedissem de se formar. Nessa variedade de atividades é que reside a estrutura emergente da mesclagem conceptual, que compõe a ação complexa do neologismo verbal. Sobre a agentividade característica dos conceitos de ação, no caso de *resenhar*, a ela é marcada pela 1^a pessoa na oração relacionada “**to** [estou] sentindo tanta falta de”. Em *rolezar*, o agente manifesta-se diretamente na desinência -ei, também na primeira pessoa.

Assim, os conceitos de objetos envolvidos nesse primeiro grupo de neologismos verbais de atividades foram locais (Serra da Canastra, Fernando de Noronha, praia) pessoas (turista) e eventos sociais (rolê, resenha) relacionados a lazer, cada qual projetando, de seus determinados *frames*, conjuntos distintos de atividades com subatividades que são selecionadas para originar uma nova construção que denota uma ação complexa. *Bebemorar*, diferente dos outros casos, é uma nova ação composta de atividades mescladas e projetadas de dois *frames* de conceitos de ação (beber e comemorar) em vez de um conceito de objeto. Na próxima seção, traremos reflexões acerca dos verbos de atividades de trabalho, buscando explicá-los através das mesmas propostas de generalização.

3.2.2 Novos verbos de trabalho

3.2.2.1 Jobar e Teletrabalhar

O primeiro neologismo de atividade de trabalho, *jobar*, parece redundar em significado com a palavra vernácula do português *trabalhar*, já que a tradução mais comum para *job* seria *trabalho*. No entanto, Croft (2022) nos mostra que construções devem ser avaliadas no contexto da língua em que são usadas, e isso pode ser aplicado também a estrangeirismos ou palavras formadas a partir de um estrangeirismo, que é o nosso caso para esse dado.¹⁵ Em outras palavras, o *job* do inglês não é o *job* do português, pois mesmo que originada a partir do léxico de outra língua, a construção em uso na língua destino acaba permeada de propriedades próprias da cultura e da sociedade local, captadas no conhecimento enciclopédico dos falantes

¹⁵ Por estrangeirismo, consideramos aqui palavras de uma língua com origem no léxico de outra.

que adotam o estrangeirismo. Nesse sentido, existe algum motivo que leva o falante a usar *jobar* no lugar de *trabalhar*; acreditamos que essa motivação é compatível com nossa hipótese, e pode ser explicada pelo fato de que o falante seleciona atividades específicas para cada uma dessas duas palavras que denotam ações. Na Imagem 14, temos a ocorrência de *jobar* que é base para nossa análise:

Imagen 14 – Jobar



Fonte: Twitter/X

Usando uma linguagem descontraída e informal (marcada pela gíria *pah*, pela expressão *sem feeling*), o que o autor diz é que não se sente animado para fazer as atividades profissionais relacionadas ao *job*. *Job* denota um conceito abstrato de objeto relacionado a trabalho, que é compartilhado pelas atividades emanadas de seu *frame*, assim, é possível dizer que a construção *jobar* é uma instanciação da construção esquemática $[[X]_{\text{OBJ TRABALHO}} -\text{ar}]_{\text{AÇÃO}}$.¹⁶ Pode-se interpretar que o autor está desmotivado para fazer atividades relacionadas a um trabalho qualquer, porém *jobar* vai além disso. Esse neologismo expressa uma rede de atividades que compreende não só atividades da construção *trabalho*, mas diversas outras atividades pelo uso da construção *job* no contexto brasileiro.

O meio corporativo é conhecido por importar muitas palavras do inglês, principalmente em áreas como publicidade, tecnologia e finanças, o que ocorre em razão da globalização dos negócios e da cultura empresarial internacional, cuja língua de uso predominante é o inglês. Assim, a influência anglófona reflete essa tendência e permeia o léxico de outras línguas com terminologias e expressões estrangeiras, tal como em *job*, em expressões como “fazer um *job*” e criações como *jobar*. Em nossa proposta de diagrama de mesclagem conceitual para *jobar*, na Imagem 15, buscamos relacionar a rede de atividades que *job* evoca e são projetadas no neologismo verbal em questão.

¹⁶ *Job*, inclusive, não apresenta forma verbal no inglês como acontece com *work*, funcionando mais como um conceito abstrato que nomeia uma categoria de atividades profissionais do que como uma atividade em si. Por isso, a tomamos como um conceito denotativo de objeto em vez de ação.

Imagen 15 – Mesclagem conceptual em *jobar*



Fonte: Elaborado pelo autor.

A integração conceptual em *jobar* ocorre da mesma forma que especificado em diagramas anteriores, em que grupos distintos de atividades nos espaços de entrada, com subatividades como elementos, são mapeados entre si por meio do espaço genérico, em que compartilham do mesmo *frame* base de um conceito de objeto, neste caso relacionado a uma modalidade de trabalho. Essa modalidade de trabalho engloba tanto atividades gerais e de emprego formal, tradicionalmente contidas no *frame* da construção *trabalho*, quanto atividades profissionais mais pontuais e de curta duração, com presença mais relevante no *frame* da construção *job*. As atividades são então selecionadas e projetadas à estrutura emergente do espaço-mescla para compor o complexo de atividades no *frame* do neologismo verbal.

A construção novitativa que nasce deste processo, *jobar*, acaba manifestando-se como uma modalidade mais ampla que trabalho, por incluir tanto atividades tradicionais evocadas quando usamos a construção *trabalhar* quanto atividades próprias de modelos estrangeiros de prestação de serviço, muitas vezes representadas pela expressão “fazer um job de X” alternativamente a *jobar*. No fim, a diferença entre *trabalhar* e *jobar* parece estar na ênfase do tipo de atividade remunerada; enquanto *trabalhar* parece enfatizar empregos formais e compromisso de longo prazo com uma instituição, *jobar* parece enfatizar empregos temporários, projetos específicos e tarefas profissionais pontuais. De toda forma, essa é uma linha tênue, e a proximidade semântica das duas palavras as permitem serem usadas além dessas ênfases sugeridas, dentro do *frame* que evocam. O que podemos afirmar a partir de nossa observação é que, na ocorrência exemplificada de *jobar*, o uso do autor do tuíte seleciona e junta atividades distintas do *frame* base de objeto para serem expressas a partir de um conceito de ação.

Se em *jobar*, temos uma modalidade de trabalho mais ampla, que envolve tipos diferentes de atividades profissionais em seu *frame* base, em *teletrabalhar*, temos uma modalidade

de trabalho mais específica, motivada pelo regime de trabalho a distância que se popularizou durante a pandemia do coronavírus. O uso desse neologismo é ilustrado na Imagem 16:

Imagen 16 – Teletrabalhar



Fonte: Twitter/X

Teletrabalhar seria fazer atividades de trabalho evocadas pela modalidade teletrabalho, tanto no sentido de trabalho remoto ou ainda de trabalho através da “tela”. Na mescla desse neologismo, os grupos de atividades dos espaços de entrada seriam semelhantes aos domínios “atividades gerais de trabalho” e “atividades de emprego formal”, presentes em *jobar*, com adição de novos domínios categorizados pela modalidade de trabalho a distância. Esses domínios projetariam na mescla outras atividades características, como participar de reuniões remotas por videochamada, usar computador/celular para cumprimento de procedimentos, comunicação e organização de tarefas, entre outras. *Teletrabalho* seria o conceito de objeto (abstrato) a compor o espaço genérico comum às entradas mapeadas, para a seleção e projeção das atividades no espaço-mescla, conforme o contexto comunicativo.

O que se tem na ocorrência da Imagem 16 é uma crítica relacionada ao horário flexível característico da modalidade de trabalho remoto, em que aquele que “teletrabalha” precisa de uma delimitação clara por parte de seus empregadores que separe o horário de trabalho do espaço/tempo particular do funcionário. Esse entendimento já traz vários dos conhecimentos enciclopédicos que apontamos nos frames discutidos: relação hierárquica, cumprimento de horário, entre outros elementos, captados no complexo de atividades da nova ação *teletrabalhar*.

3.2.2.2 Performar

Os próximos neologismos de atividades de trabalho analisados replicam os processos de mesclagem conceptuais explicados até aqui, logo, esses serão pontuados sem a necessidade de novos diagramas, pois se espera que aqueles já apresentados cumpriram com seu

propósito: tornar a explicação do fenômeno estudado mais didática. Seguiremos assim demonstrando como o complexo de atividades dos neologismos verbais são projetados e organizados pela mesclagem conceptual, como novas construções a instanciarem a construção esquemática $[[X]_{\text{OBJ TRABALHO}} - \text{ar}]_{\text{AÇÃO}}$.

O neologismo *Performar* é muito usado em contextos artísticos e também no meio corporativo/publicitário, como no caso de nosso exemplo, na Imagem 17:

Imagen 17 – Performar



Fonte: Youtube

O neologismo é criado a partir do anglicismo *performance*, já difundido e dicionarizado no português brasileiro, e *X-ar* para expressar nesse caso um tipo de resultado, denotando atividades relacionadas ao desempenho ou resultado de um processo. *Performance*, como um conceito de objeto abstrato, projeta de seu *frame* semântico os diferentes grupos de atividades que queremos mesclar na nova ação complexa do neologismo. Como em todos os outros neologismos analisados, *performar* necessita de um agente, porém, entre os neologismos coletados para este trabalho, é observável que *performar* foi o único cujo agente, “a campanha”, não se mostrou humano/animado. Ainda assim, o *eu* do enunciado, presente na desinêncie de “depois que pausei”, cumpre esses traços e está envolvido indiretamente na realização de *performar* como uma ação.

Conforme compreendemos na ocorrência da Imagem 17, no título “Campanha parou de performar depois que pausei [...]”, uma determinada campanha publicitária já não realiza atividades relacionadas a resultados positivos, como fazia antes de ser pausada por seu usuário. Em outras palavras, o desempenho da campanha parece ter sido insatisfatório com relação a atividades específicas: cumprir boas métricas em redes sociais, trazer bons resultados de venda, engajar clientes interessados em determinado produto, entre outras diversas atividades, que são evocadas principalmente pelo conhecimento enciclopédico de nível técnico da pessoa que se situa no meio publicitário.

Em casos como *performar*, o complexo de atividades relaciona-se a áreas diversas, por meio de mesclagens conceituais com rede de escopo simples, nas quais se realiza metáfora

com atuação artística: um espaço de entrada contém elementos da atividade concreta (ex.: a execução de uma campanha publicitária) enquanto um segundo espaço de entrada contém elementos de atividade abstrata, relacionados ao resultado de atuação/apresentação artística e configura o espaço-mescla, criando na estrutura emergente uma relação como “resultado de X/show”. Processos de integração conceptual como esse fazem com que sejam possíveis construções como “O seu irmão tem performado bem lá na empresa” no uso da língua.

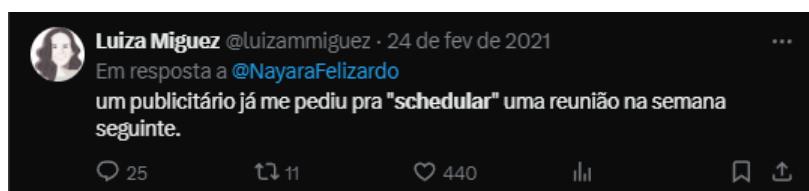
Enquanto *jobar* e *teletrabalhar* têm atividades projetadas de *frames* básicos de objetos relacionados à modalidade de trabalho, *performar* parece ter base no objeto *performance*, que é um tipo de resultado de determinado trabalho (uma atuação teatral, vendas em uma empresa, realização de uma campanha publicitária).

3.2.2.3 Schedular e Tradar

Percebe-se que a construção neológica *performar* carrega em si especificidades técnicas e essas servem para emoldurar as possíveis atividades a serem projetadas e ativadas cognitivamente na mesclagem, como também o fazem os neologismos *schedular* e *tradar*. No entanto, esses dois neologismos partem de conceitos de objetos denotados por construções com atividades relacionadas a procedimentos técnicos em vez de desempenho. Os neologismos *schedular* e *tradar* têm mais dois pontos em comum válidos de destaque: eles foram criados a partir de sufixação de construções estrangeiras do inglês (*schedule* e *trade*) e ambos denotam ações procedimentais técnicas com proximidade a determinadas áreas profissionais. São construções que entram no mesmo rol de *job* quanto à sua difusão em contextos corporativos, no qual existe uma preferência pelo inglês como a língua global dos negócios.

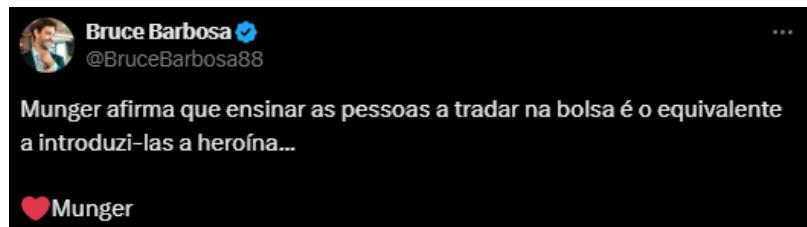
O significado de uso dessas construções no português brasileiro assume acepções aproximadas às seguintes: a) *schedule* é agenda de compromissos ou cronograma de atividades; b) *trade*, no contexto que investigamos, é uma operação de compra ou venda de produtos financeiros, como ações e criptomoedas. Assim, *schedular* e *tradar* expressam, respectivamente, ações formadas por conjuntos de atividades de trabalho relativas a um *schedule* ou ao *trade*; essas construções também estão instanciadas na construção esquemática $[[X]_{\text{OBJ TRABALHO}} \text{-ar}]_{\text{AÇÂO}}$. Esses dois estrangeirismos denotam conceitos de objetos, que servirão de *frames* básicos para as atividades presentes nos espaços de entrada a comporem o conceito de ação complexa expressa pela forma neológica verbal. Vejamos nas Imagens 18 e 19 usos desses neologismos:

Imagen 18 – Schedular



Fonte: Twitter/X

Imagen 19 – Tradar



Fonte: Twitter/X

Na Imagem 18, temos em *schedular* uma ação que envolve um “schedulador” (um publicitário) e algo a ser “schedulado” (uma reunião). Ainda que a construção pareça apenas ativar o mesmo complexo de atividades que *agendar* ativaría, a proximidade semântica entre as duas palavras é similar à relação entre *jobar* e *trabalhar* – *schedular* ativa cognitivamente uma rede diferenciada de atividades para compor a ação complexa, mais afins e consonantes às áreas profissionais que a adotam no discurso, como a publicidade. Os espaços mentais de entrada então são estruturados por *frames* distintos e característicos, nos quais é possível mapear elementos entre atividades genéricas que envolvem cronograma/agenda e atividades do universo publicitário, projetados tanto para o espaço genérico do objeto *schedule* quanto para o espaço-mescla, licenciando as atividades possíveis a compor a ação expressa pelo neologismo. Nesse sentido, é interessante considerar que as projeções de elementos no processo de mesclagem conceptual não são unidirecionais, movendo-se de um espaço para outro e dissipando-se em um produto. A rede de integração conceptual está mais para um circuito contínuo de eletricidade que para um encanamento. Em suma, evocam-se e mesclam-se no neologismo *schedular* toda sorte de atividades relacionadas a um *schedule*, conforme a conceptualização brasileira dessa construção estrangeira e suas adjacências advindas da experiência cultural e social.

Na Imagem 19, *tradar* manifesta-se como um conceito que necessita de uma entidade “tradadora” (as pessoas), sendo relacionada também com um local para esse tipo de procedimento (a bolsa de valores). Ensinar pessoas a *tradar* na bolsa é ensiná-las a fazer atividades profissionais relacionadas ao *trade*: das mais básicas, como comprar e vender ações de empresas, às mais complexas e técnicas, como operar uma plataforma de Home Broker para uma infinidade de transações. Não diferente de seus irmãos, esse estrangeirismo também realiza o mesmo movimento de mesclagem conceptual: 1) mapeiam-se atividades de espaços mentais de entrada distintos; 2) esses espaços estão relacionados a um espaço genérico compartilhado estruturado por um conceito de objeto; 3) selecionam-se e projetam-se atividades para o espaço-mescla, compondo um complexo de atividades de uma ação, manifestada pela criação de uma nova palavra verbal.

Em síntese, o grupo de neologismos verbais desta seção apresentou entre seus conceitos básicos de objetos formadores de novos conceitos de ação: modalidades (*job*, teletrabalho), resultados (*performance*) e procedimentos (*schedule* e *tradar*) relacionados a trabalho. Todos foram explicados a partir dos modelos representativos de construções esquemáticas e mesclagem conceptual propostos no início da seção, comportando-se bem como amostras de neologismos verbais que reúnem em uma única construção verbal capaz de combinar uma infinidade de atividades ativadas do *frame* semântico de trabalho.

Na próxima seção, traremos considerações gerais sobre a análise dos 12 verbos neológicos, a fim de verificar se a hipótese atende à explicação do fenômeno.

4 Algumas considerações

A partir dos neologismos verbais analisados, foi averiguada a tendência em combinar diferentes conhecimentos de nossa experiência de mundo, criando um conceito complexo de ação a partir da mescla de pelo menos dois domínios distintos contidos no *frame* de um domínio comum entre estes, ligado a um conceito de objeto. O neologismo *praiar*, por exemplo, mescla em uma única construção lexical vários grupos de atividades culturalmente captadas no *frame* semântico de Lazer, diretamente envolvidas no espaço *praia* (um conceito de objeto): atividades de descanso (tomar sol, ler um livro), atividades aquáticas (nadar, mergulhar), atividades físicas (caminhar, praticar esportes de praia), atividades sociais (paquerar, frequentar bares), entre outras. Essas atividades são captadas cognitivamente por meio de conhecimentos coletivos, compreendidos cultural e socialmente como o que se espera que seja feito em determinado contexto, e individuais, mediante particularidades advindas da experiência subjetiva do falante.

A mesclagem conceptual por rede de escopo duplo explica o fenômeno na maioria dos casos, abarcando: a) mapeamento entre grupos de atividades nos espaços de entrada; b) compartilhamento entre as entradas do *frame* semântico de um conceito de objeto, no espaço genérico; c) seleção e projeção de atividades dos espaços de entrada para a estrutura emergente do espaço-mescla; d) composição de um complexo de atividades unificadas, com combinações não presentes nas entradas, para criar um novo conceito de ação, culminante no neologismo verbal. Compreende-se que conceitos de ação já sejam por si complexos de atividades, mas o neologismo verbal mostrou-se emergir onde há uma lacuna de expressão de uma ação deste tipo, preenchendo-a partir do *frame* de objeto vinculado às atividades envolvidas.

Os *frames* de objeto envolveram locais, pessoas e eventos sociais para os neologismos verbais de lazer e modalidades, resultados e procedimentos para os neologismos verbais de trabalho, mostrando que os conceitos de objetos que motivam os neologismos não são correntes dessa classe semântica maior, mas refinamentos semânticos relativos a formas prototípicas de referência a objetos, da classe morfossintática dos substantivos/nomes.

O neologismo verbal de lazer *Bebemorar* apresentou comportamento distinto em razão de seu processo formativo, por *blend* lexical em vez de sufixação, como os outros dados, mas ainda se apresentou motivado pela mesclagem conceptual para a integração de eventos e atividades em uma nova ação. A mesclagem conceptual, inclusive, mostra-se explícita nesse dado também em aspectos morfonológicos, com a amálgama entre as formas das construções *beber* e *comemorar*.

Em síntese, este estudo propôs-se a ressaltar a interação e integração entre processos cognitivos, processos construcionais e processos criativos por trás da emergência de novos verbos do português brasileiro, a fim de permitir novas reflexões dentro de três grandes veios teóricos de estudos linguísticos atuais.

Referências

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

AZEVEDO, A. M. T. de. Uma breve apresentação da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem. In: HERMONT, A. B.; SANTO, R. S. de E.; CAVALCANTE, S. M. S. (orgs.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010. p. 85-103.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.

BOULANGER, J. C. Néologie et terminologie. *Néologie en Marche*, [s.l.], v. 4, p. 9-116, 1979.

CAVALCANTE, S. M. S.; SOUZA, A. L. Linguística cognitiva: uma breve introdução. In: HERMONT, A. B.; SANTO, R. S. de E.; CAVALCANTE, S. M. S. (orgs.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010. p. 63-83.

CROFT, W. *Morphosyntax: Constructions of the world's languages*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2022.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Mental Spaces: conceptual integration networks In: GEERAERTS, D. (Ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 303-372.

FERRAZ, A. P.; LISKA, G. J. R. Pandemia e neologia em manchetes jornalísticas: criatividade lexical em foco. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 1047-1063, dez. 2021. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3055>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

FERREIRA, P. R. S.; AMARAL, L. L. Motivações cognitivas e funcionais para neologismos verbais do português brasileiro: a construção sextar e outras instâncias análogas. *DELTA: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, São Paulo, v. 40, n. 2, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/kQ3ZQwvpHDbfgN8RzPdcQqN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 dez. 2024.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: GEERAERTS, D. (Ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p.373-400.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. *Alfa*, São Paulo, v. 67, e15041, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alfa/a/RjxqwdSBpcmF9JgM8fQjq/?lang=pt>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GODOY, L.; PINHEIRO, D. A rede gramatical das construções com *se* no português brasileiro. *Revista Soletrar*, Rio de Janeiro, n. 45, jan./abr. 2023. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletrar/article/view/73491>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016b.

HOFFMANN, T. Language and creativity: a construction grammar approach to linguistic creativity. *Linguistics Vanguard*, [s.l.], v. 5, n. 1, jan. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335397298_Language_and_Creativity_A_Construction_Grammar_approach_to_linguistic_creativity>. Acesso em: 7 jan. 2024.

HOFFMANN, T. *Construction Grammar: the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022a.

HOFFMANN, T. Constructionist approaches to creativity. *Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association*, [s.l.], v. 10, n. 1, nov. 2022b. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/360943077_Constructionist_Approaches_to_Creativity/citations>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MARTELOTTA, M. E; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 177-192.

SOUZA, A. L. A gramática de construções. In: HERMONT, A. B.; SANTO, R. S. de E.; CAVALCANTE, S. M. S. (Orgs.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010. p. 125-144.

TURNER, M. *Creativity and cognition*. Minicurso realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 11 a 14 mar. 2024.